

EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS DE SÃO PAULO E SEU POTENCIAL - SOJA EM GRÃO

Irene J. E. Goldenberg , Roxana Topel e Everton R. de Lins

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura

Instituto de Economia Agrícola



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Agricultura
Instituto de Economia Agrícola

EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS DE SÃO PAULO
E SEU POTENCIAL - SOJA EM GRÃO

Irene J. E. Goldenberg
Roxana Topeł
Everton R. de Lins

São Paulo
1978

ÍNDICE

1 - O MERCADO MUNDIAL.....	1
1.1 - Evolução Recente.....	1
1.2 - Classificação e Importância dos Mercados.....	3
1.2.1 - Mercados importadores.....	3
1.2.2 - Mercados exportadores.....	7
2 - AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS.....	12
2.1 - Evolução Recente.....	12
2.2 - Portos de Embarque.....	12
2.3 - Mercados Compradores.....	16
2.4 - Mercados Concorrentes.....	19
3 - A ORGANIZAÇÃO DO MERCADO EXPORTADOR PAULISTA.....	25
3.1 - Canais de Comercialização.....	25
3.2 - Produção e Aquisição da Matéria-Prima.....	27
3.3 - O Comércio Exportador.....	31
3.3.1 - Características das empresas exportadoras.....	31
3.3.2 - Características do produto.....	33
3.3.3 - Características das transações.....	34
3.3.4 - Transporte interno, armazenagem e embarque.....	35
3.4 - Comportamento da Exportação.....	36
LITERATURA CITADA.....	47
ANEXO.....	48

EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS DE SÃO PAULO E SEU POTENCIAL - SOJA EM GRÃO ⁽¹⁾

Irene J. E. Goldenberg
Roxana Topel
Everton R. de Lins

1 - O MERCADO MUNDIAL

1.1 - Evolução Recente

O comércio mundial de soja e seus derivados tem se caracterizado pelas altas taxas de crescimento nos últimos anos. Isso se deveu a forte demanda por produtos de alto teor de proteínas nos países da Europa, região carente de matérias-primas básicas.

No mercado mundial as exportações de grão têm sido a parcela dominante desse comércio e representam em valor, cerca de 2/3 do total das exportações somadas de grão, óleo e farelo. As estatísticas mundiais indicam acréscimos de 27,7% ao ano no valor das exportações mundiais de soja em grão entre 1968-70 e 1971-73 (quadro 1).

⁽¹⁾ O presente relatório faz parte do Projeto IEA/03 "Mercados Potenciais para Produtos de Interesse da Agricultura" executado pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, sob os auspícios do Convênio União/Estado/FAPESP, que diz respeito aos aspectos envolvidos no comércio, a nível mundial e nacional de soja e amendoim em grão, farelos de soja e de amendoim, óleos de soja e de amendoim e suco de laranja. A nível nacional é focalizado especialmente o mercado exportador paulista. Os capítulos 1 e 2 deste relatório foram organizados a partir da adaptação e atualização de pesquisas sobre o mercado mundial e nacional realizadas por Everton R. de Lins, com a colaboração de Irene J. E. Goldenberg. A terceira e quarta parte, relativas ao mercado exportador paulista e suas perspectivas no contexto nacional e mundial foram preparadas por Irene Goldenberg e Roxana Topel. Em diferentes fases de sua elaboração, este trabalho contou com a colaboração de Alberto Veiga, Hiroshige Okawa, Joel E. de Oliveira Kersten, Antonio José da Costa Neto, Maria Alice Cesar Serapião, Matil de M. Melo de Almeida Barros, Altino Ho, Joseval Reis Batista e Attiliano Martins Correia.

QUADRO 1. - Exportação Mundial de Soja em Grão, Óleo e Farelo, 1960-62 a 1971-73

Discriminação	Exportação mundial								Taxa geométrica (%)		
	1960-62		1964-66		1968-70		1971-73		1964-66	1968-70	1964-66
	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	a	a	a
									1968-70	1971-73	1971-73
Grão	443.910	64,6	748.904	63,6	1.038.628	63,1	2.168.813	63,1	8,5	27,8	16,4
Óleo	140.310	20,4	179.351	15,2	196.610	11,9	366.845	10,7	2,3	23,1	10,7
Farelo	103.101	15,0	249.502	21,2	411.898	25,0	898.832	26,2	13,3	29,7	10,1
Total	687.321	100,0	1.177.757	100,0	1.647.136	100,0	3.434.490	100,0	8,7	27,7	16,5

Fonte: Elaborado a partir dos dados da FAO, (3).

Esse ritmo de crescimento já representa um aumento substancial em relação as taxas verificadas anteriormente, quando estas exportações cresciam em média 8,7% ao ano (1964-66 a 1968-70). Este crescimento permitiu que o comércio mundial de soja, até então representado por um volume de transações da ordem de 749 milhões de dólares triplicasse em 7 anos. Assim, em 1971-73 a média dessas negociações já alcançava um volume da ordem de 2.169 milhões de dólares.

Quanto a posição da soja no mercado mundial exportador de grãos de oleaginosas, o inusitado aumento dessas exportações possibilitou um aumento dos mais significativos na participação relativa da soja dentro do mercado concorrente, anulando de certa forma os esforços de expansão do mercado das demais oleaginosas (quadro 2).

Assim entre 1964-66 e 1971-73, a participação das exportações de soja no mercado de grãos se elevaria de 45,7% para 75,4%, enquanto que no caso do amendoim, o principal concorrente da soja, a participação se reduziria de 16,7% para 9,0%.

1.2 - Classificação e Importância dos Mercados

1.2.1 - Mercados importadores

O comércio mundial exportador de grão de soja encontra-se basicamente voltado para a venda aos países europeus, que lhe assegura negócios da ordem de 3/5 do total das transações efetuadas. Além dessa região importadora, o mercado mundial exportador canaliza quantia apreciável de suas exportações para os países da Ásia que importam a maior parcela do valor das exportações remanescentes (quadro 3).

Sob o aspecto de concentração, vale assinalar que na Europa a qual se totalidade dos mercados é importadora líquida do produto, estando o grupo mais numeroso e de maior peso centralizado na área do Mercado Comum Europeu. Esta área tem assegurado cerca de 80% das aquisições regionais, tendo a frente a Alemanha Ocidental, Países Baixos e Itália com 17,5%, 10,0% e 6,3%, respectivamente, das importações mundiais. Fora da área destaca-se a Espanha, com 8,7% das importações mundiais.

QUADRO 2. - Exportação Mundial de Soja em Grão e Demais Produtos Concorrentes, 1960-62 à 1971-73

Produto	Exportação mundial								Taxa geométrica (%)		
	1960-62		1964-66		1968-70		1971-73		1964-66	1968-70	1964-66
	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	a	a	a
									1968-70	1971-73	1971-73
Soja	443.910	36,9	748.904	45,7	1.038.628	55,0	2.168.813	75,4	8,5	27,8	16,4
Amendoim	230.608	19,2	273.594	16,7	239.998	12,7	258.616	9,0	(-)3,2	2,5	(-)0,8
Caroço de algodão	26.587	2,2	29.757	1,8	27.543	1,5	29.955	1,0	(-)1,9	2,8	0,0
Outros	502.626	41,7	585.773	35,8	583.053	30,8	421.088	14,6	(-)0,1	10,3	(-)4,6
Total	1.203.731	100,0	1.638.028	100,0	1.889.222	100,0	2.878.472	100,0	3,6	15,1	8,4

Fonte: Elaborado a partir dos dados da FAO, (3).

QUADRO 3. - Comércio Internacional de Grão de Soja, Segundo Região, Área Econômica e País Seleccionado, 1968-70 e 1971-73

(continua)

Região, área econômica e país	1968-70		1971-73	
	Classificação quanto ao comércio líquido (1)	Porcentagem do comércio mundial (2)	Classificação quanto ao comércio líquido (1)	Porcentagem do comércio mundial (2)
Europa (3)	IMP	58,79	IMP	60,10
MCE	IMP	36,82	IMP	47,49
Alemanha Ocidental	IMP	16,44	IMP	17,52
Países Baixos	IMP	8,85	IMP	9,99
Itália	IMP	6,93	IMP	6,26
Reino Unido	-	-	IMP	3,97
França	IMP	1,83	IMP	3,53
Dinamarca	-	-	IMP	3,45
Bélgica	IMP	2,77	IMP	2,77
Irlanda	-	-	IMP	0,00
AELC	IMP	9,52	IMP	2,06
Reino Unido	IMP	3,10	-	-
Dinamarca	IMP	4,46	-	-
Noruega	IMP	1,70	IMP	1,76
Portugal	IMP	0,24	IMP	0,26
Suécia	IMP	0,02	IMP	0,04
CCMECON	IMP	1,33	IMP	1,12
Polónia	IMP	0,71	IMP	0,74
Checoslováquia	IMP	0,21	IMP	0,14
Hungria	IMP	0,08	IMP	0,13
Iugoslávia	EXP	0,02	IMP	0,11
Romenia	EXP	0,04	EXP	0,08
Bulgária	IMP	0,21	-	-
Alemanha Oriental	IMP	0,12	-	-
Outros	IMP	11,12	IMP	9,43
Espanha	IMP	10,62	IMP	8,73
Finlândia	IMP	0,43	IMP	0,53
Irlanda	IMP	0,00	-	-
Outros	IMP	0,07	IMP	0,17
URSS	-	-	IMP	2,38

(1) Uma região ou um país é classificado como exportadora (EXP) quando o volume físico exportado é maior que o volume físico importado e como importadora (IMP) no caso in verso.

(2) Corresponde a porcentagem das exportações mundiais ou a porcentagem das importações mundiais conforme se trata na região ou país exportadora, respectivamente.

(3) Considerou-se Dinamarca, Irlanda e Reino Unido como integrantes do MCE em 1971-73.

Fonte: Elaborado a partir da FAO (3).

QUADRO 3. - Comércio Internacional de Grão de Soja, Segundo Região, Área Econômica e País Seleccionado, 1968-70 e 1971-73

(conclusão)

Região, área econômica e país	1968-70		1971-73	
	Classificação quanto ao comércio líquido (1)	Porcentagem do comércio mundial (2)	Classificação quanto ao comércio líquido (1)	Porcentagem do comércio mundial (2)
Américas do Norte e Central	EXP	92,53	EXP	88,41
Estados Unidos	EXP	92,23	EXP	88,16
Canadá	IMP	3,83	IMP	2,36
México	IMP	0,43	IMP	0,30
Cuba	IMP	0,20	IMP	0,04
Outros	IMP	0,05	IMP	0,11
América do Sul	EXP	2,18	EXP	7,55
ALALC	EXP	2,18	EXP	7,55
Brasil	EXP	2,16	EXP	7,29
Venezuela	IMP	0,50	IMP	0,47
Paraguai	EXP	0,02	EXP	0,26
Peru	IMP	0,02	IMP	0,24
Argentina	IMP	0,00	IMP	0,00
Colômbia	EXP	0,00	-	-
Outros	IMP	0,00	IMP	0,00
Ásia	IMP	36,13	IMP	33,94
Japão	IMP	27,57	IMP	25,03
Rep. Pop. da China	IMP	4,93	IMP	4,87
Israel	IMP	2,64	IMP	2,84
Singapura	IMP	0,31	IMP	0,39
Hong-Kong	IMP	0,19	IMP	0,13
Tailândia	EXP	0,05	EXP	0,06
Filipinas	IMP	0,01	IMP	0,02
Paquistão	-	-	IMP	0,00
Outros	IMP	0,47	IMP	0,66
África	EXP	0,12	EXP	0,03
Nigéria	EXP	0,10	EXP	0,02
Marrocos	-	-	IMP	0,01
Tunísia	IMP	0,04	EXP	0,01
Outros	EXP	0,02	IMP	0,01
Oceania	IMP	0,01	IMP	0,03

(1) Uma região ou um país é classificado como exportadora (EXP) quanto o volume físico exportado é maior que o volume físico importado e como importadora (IMP) no caso inverso.

(2) Corresponde a porcentagem das exportações mundiais ou a porcentagem das importações mundiais conforme se trata na região ou país exportadora, respectivamente.

(3) Considerou-se Dinamarca, Irlanda e Reino Unido como integrantes do MCE em 1971-73.

Fonte: Elaborado a partir da FAO, (3).

Na Ásia, a figura central é o Japão. Este mercado é, isoladamente, o maior importador de soja do mundo, suplantando, inclusive, a Alemanha, o principal mercado importador europeu.

Ao se selecionar em 1971-73, os dez maiores importadores do produto e ao se comparar as suas posições no mercado em anos anteriores, verifica-se que, com exceção da Espanha, os demais já se constituíam em grandes mercados importadores do produto. Entre os novos nesse comércio, além da Espanha, surgiu, mais recentemente, a República Popular da China que, surpreendentemente, em 1971-73 já vem a ocupar a sexta posição no mercado (quadro 4 e figura 1).

1.2.2 - Mercados exportadores

Os excedentes líquidos de exportação por região permitem verificar que as Américas, lideradas pelos países do continente Norte e Central são responsáveis pela quase totalidade da oferta mundial ao mercado. Em 1971-73 estes mercados asseguram a exportação de 88,4% do volume mundial exportado. No conjunto, as três Américas, Norte, Central e Sul exportaram 95,9% do total. Em face desta elevada participação, pouco restou para a África, região que embora classificada como exportadora líquida, só participou do mercado em menos de 1% (quadro 3).

No tocante a estrutura do mercado, ficou demonstrado, a partir das contribuições individuais de cada participante, que os Estados Unidos monopolizam a oferta mundial uma vez que fornecem quase noventa por cento do total. Nesta competição surge o Brasil, que já vem se impondo no mercado na segunda posição, participando em 1971-73 com 7% e, num plano imediatamente inferior, a República Popular da China, Países Baixos, este último re-exportador, e Paraguai com contribuições individuais inferiores a três por cento (quadro 5 e figura 2).

A vista das menores contribuições da grande maioria dos participantes do mercado mundial exportador frente a um único mercado, os Estados Unidos, pode-se antever a grande concorrência com que se deparam os demais países exportadores. Por outro lado, as mais elevadas taxas de crescimento das exportações observadas para os mercados menores, já assinalam nos últimos anos que progressos estão sendo alcançados, especialmente por parte dos qua-

QUADRO 4. - Evolução do Comércio Internacional de Soja em Grão, por País, Dez Maiores Importadores, 1960-62, 1968-70 e 1971-73

País importador (1)	1960-62		1968-70		1971-73		Taxa de crescimento (%)	
	Quantidade média anual da imp. (t)	Porcentagem ou exp.mundial	Quantidade média anual da imp. (t)	Porcentagem ou exp.mundial	Quantidade média anual da imp. (t)	Porcentagem ou exp.mundial	1960-62 à 1971-73	1968-70 à 1971-73
1º Japão	1.193.220	25,11	2.751.718	27,57	3.413.907	25,03	10,03	7,45
2º Alemanha Ocidental	990.870	20,85	1.639.381	16,44	2.389.865	17,52	8,33	13,39
3º Países Baixos	322.680	6,79	883.490	8,85	1.362.229	9,99	13,99	15,52
4º Espanha	5.530	0,12	1.059.932	10,62	1.191.331	8,73	62,97	3,97
5º Itália	<u>251.570</u>	<u>5,30</u>	<u>691.663</u>	<u>6,93</u>	<u>854.659</u>	<u>6,26</u>	<u>11,76</u>	<u>7,31</u>
∅ Total dos 5 maiores	2.763.870	58,17	7.026.184	70,41	9.211.991	67,53	11,57	9,45
6º Rep. Pop. da China	-	-	491.558	4,93	664.174	4,87	-	10,55
7º Reino Unido	248.320	5,22	309.443	3,10	541.493	3,97	7,34	20,50
8º França	139.970	2,95	182.884	1,83	481.851	3,53	11,89	38,12
9º Dinamarca	347.320	7,31	445.902	4,47	470.951	3,45	2,81	1,84
10º Israel	<u>156.710</u>	<u>3,30</u>	<u>263.890</u>	<u>2,64</u>	<u>388.207</u>	<u>2,84</u>	<u>8,60</u>	<u>13,73</u>
Total dos 10 maiores	3.656.190	76,95	8.719.861	87,38	11.758.667	86,19	11,20	10,48
Outros	1.095.350	23,05	1.259.187	12,62	1.883.371	13,81	5,05	14,36
Total	4.751.540	100,00	9.979.048	100,00	13.642.038	100,00	10,06	10,98

(1) A ordem de importância corresponde à observada em 1971-73.

Fonte: Elaborado a partir de dados da FAO (3).

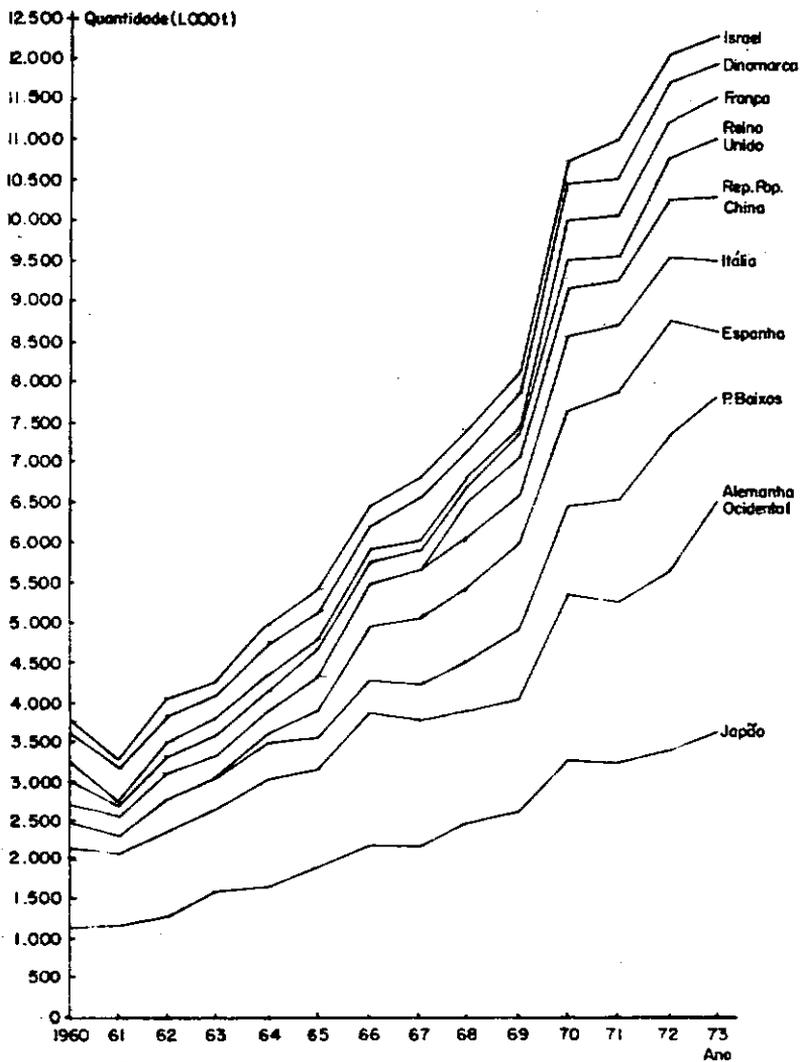


FIGURA 1.- Comércio Internacional de Soja em Grão, Dez Maiores Importadores, 1960-73.

QUADRO 5. - Comércio Internacional de Soja em Grão, por Países, Dez Maiores Exportadores, 1960-62, 1968-70 e 1971-73

País exportador ⁽¹⁾	1960-62		1968-70		1971-73		Taxa de crescimento (%)	
	Quantidade média anual (t)	Porcentagem da export.ou imp.mundial	Quantidade média anual (t)	Porcentagem da export.ou imp.mundial	Quantidade média anual (t)	Porcentagem da export.ou imp.mundial	1960-62 à 1971-73	1968-70 à 1971-73
1º Estados Unidos	4.000.835	84,23	9.439.742	92,23	12.245.332	88,16	10,70	9,06
2º Brasil	60.010	1,26	221.877	2,16	1.012.279	7,29	29,29	65,85
3º Rep.Pop. da China	556.730	11,72	489.667	4,78	380.000	2,74	-3,41	-8,10
4º Países Baixos	1.450	0,03	2.687	0,03	106.173	0,76	47,74	240,60
5º Paraguai	<u>50</u>	<u>0,00</u>	<u>1.592</u>	<u>0,02</u>	<u>35.700</u>	<u>0,26</u>	<u>81,73</u>	<u>182,00</u>
Total dos 5 maiores	4.619.075	97,24	10.155.565	99,22	13.779.480	99,21	10,45	10,71
6º Canadá	72.360	1,52	30.445	0,30	34.156	0,25	-6,60	3,91
7º Alemanha Ocidental	50	0,00	4.427	0,04	25.628	0,18	76,34	79,56
8º Romênia	-	-	4.570	0,05	11.667	0,08	-	36,67
9º Singapura	-	-	-	-	8.272	0,06	-	-
10º Tailândia	<u>2.680</u>	<u>0,06</u>	<u>4.916</u>	<u>0,05</u>	<u>7.780</u>	<u>0,06</u>	<u>10,17</u>	<u>16,53</u>
Total dos 10 maiores	4.694.165	98,82	10.199.923	99,66	13.866.987	99,84	10,35	10,78
Outros	559.255	1,18	35.199	0,34	22.863	0,16	25,22	-13,39
Total	4.750.090	100,00	10.235.122	100,00	13.889.850	100,00	10,25	10,71

(¹) A ordem de importância corresponde à observada em 1971-73.

Fonte: Elaborado a partir de dados da FAO (3).

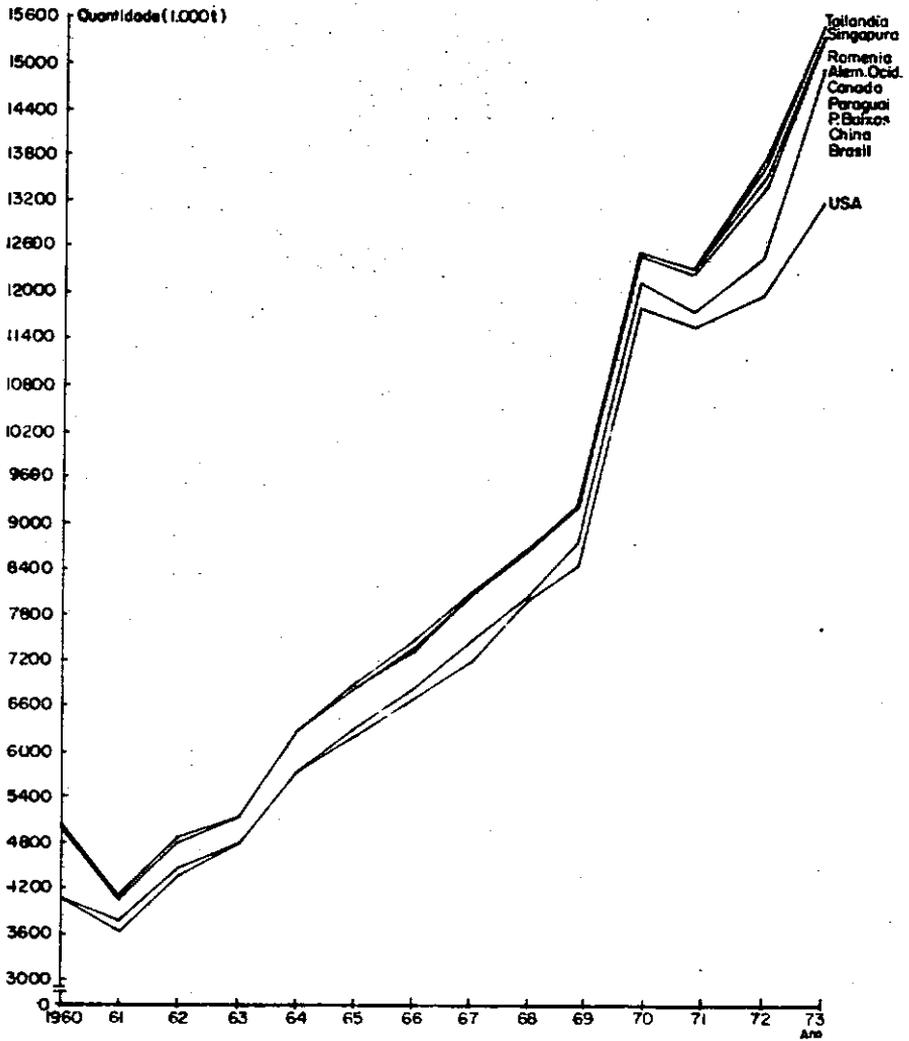


FIGURA 2.- Comércio Internacional de Grão de Soja, Dez Maiores Exportadores, 1960-73.

tro maiores exportadores mundiais.

2 - AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

2.1 - Evolução Recente

A intensificação do processo de expansão do comércio mundial de grãos de alto valor protéico contribuiu, nos últimos anos, para que se acelerasse a expansão das exportações brasileiras de grão de soja, de tal modo que em 1971-73 o grão viesse assegurar mais de 90% do valor somado das exportações totais de grãos de oleaginosas comestíveis. Este ganho de posição relativa no período foi o resultado de uma elevada taxa de crescimento (117,7% ao ano) observada no período 1971-73 a 1968-70, taxa consideravelmente superior as taxas de crescimento das exportações mundiais ou mesmo brasileiras de grãos.

Quanto a posição do grão nas exportações brasileiras de grão e óleo e farelo de soja, registra-se participação equivalente a do farelo (48%), contrariando a tendência observada no comércio mundial, onde as exportações de grão representam 2/3 do valor total. Este fato se deve às estreitas vinculações da indústria de óleo com o comércio exportador. O grão é matéria-prima das indústrias de óleo no País e as exportações ficam diretamente vinculadas aos excedentes de produção do grão (quadros 6 e 7).

2.2 - Portos de Embarque

Com a produção fortemente concentrada no sul do País, os portos riograndenses têm liberado os embarques, com cerca de 63% do total, cabendo aos portos de Paranaguá e Santos uma participação de apenas 23% e 13%, respectivamente, em 1971-73 (quadro 8).

Todavia, ao se comparar as participações anuais de cada porto nos embarques efetuados em 1971-73, verifica-se que está havendo uma tendência a perda de posição dos portos riograndenses em favor desses últimos, como

QUADRO 6. - Exportação Brasileira de Soja em Grão, Farelo e Óleo, 1960-62 a 1971-73

Tipo de produto	Exportação brasileira								Taxa geométrica (%)		
	1960-62		1964-66		1968-70		1971-73		1964-66	1968-70	1964-66
	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	a	a	a
									1968-70	1971-73	1971-73
Grão	4.695	100,0	6.790	44,6	20.874	42,1	215.463	48,3	32,4	117,7	63,9
Óleo	-	-	-	-	-	-	16.500	3,7	-	-	-
Farelo	-	-	8.431	55,4	28.661	57,9	214.209	48,0	35,8	95,5	58,7
Total	4.695	100,0	15.221	100,0	49.535	100,0	446.172	100,0	34,3	108,0	62,0

Fonte: Elaborado a partir dos dados da CACEX (1).

QUADRO 7. - Exportação Brasileira de Soja em Grão, e Demais Produtos Concorrentes, 1960-62 a 1971-73

Produto	Exportação brasileira								Taxa geométrica (%)		
	1960-62		1964-66		1968-70		1971-73		1964-66	1968-70	1964-66
	(média)	(%)	(média)	(%)	(média)	(%)	(média)	(%)	^a	^a	^a
	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	(US\$1.000)	(%)	1968-70	1971-73	1971-73
Soja em grão	4.695	66,1	6.790	70,9	20.874	73,2	215.463	93,8	32,4	117,7	63,9
Amendoim	1.660	23,3	2.520	26,3	7.130	25,0	13.982	6,1	29,6	25,2	27,7
Outros ⁽¹⁾	755	10,6	273	2,8	500	1,8	175	0,1	16,3	(-)29,5	(-)6,1
Total	7.110	100,0	9.583	100,0	28.504	100,0	229.620	100,0	31,3	100,0	57,4

⁽¹⁾ Inclui copra, palma, oliva, linho, nabo, girassol.

Fonte: Elaborado a partir dos dados de CACEX (1).

QUADRO 8. - Exportação Brasileira de Soja em Grão, por Portos de Embarque, 1971-73

Porto	1971		1972		1973		Média 1971-73	
	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)
Rio Grande	130.370	61,0	486.667	46,9	769.837	43,2	469.291	45,7
Porto Alegre	68.929	32,3	205.027	19,8	245.048	13,7	173.001	17,1
Paranaguã	14.000	6,6	187.019	18,0	508.061	28,4	263.360	23,2
Santos	-	-	152.210	14,7	239.693	13,4	130.634	12,9
Outros	127	0,1	6.350	0,6	23.500	1,3	9.993	1,0
Brasil	213.426	100,0	1.037.273	100,0	1.786.139	100,0	1.012.279	100,0

Fonte: Elaborado a partir de dados da CACEX (1).

consequência do aumento vertiginoso da produção nos Estados do Paraná e São Paulo, em 1970/71 e 1972/73, que cresceu 157,5% e 256,6%, respectivamente (1).

2.3 - Mercados Compradores

Quanto ao mercado, o destino dado às exportações brasileiras nos últimos anos revela uma rápida tendência à ampliação e diversificação de área, muito embora continue prevalecendo um interesse maior pela venda aos países europeus ou, mais especificamente, da área do Mercado Comum Europeu. A princípio, em 1968-70, foram destinadas à Europa 99,0% das exportações totais. Já em 1971-73, com a diversificação das vendas, a participação dos mercados europeus sofreu redução de 15,3%, sendo esta diferença canalizada para diversos mercados da América do Sul, Ásia e Oriente Médio (quadro 9 e figura 3).

Individualmente, destacam-se como mercados brasileiros os membros da área do MCE, Países Baixos, Alemanha Ocidental e Itália, países que importaram, respectivamente, 29,9%, 16,6% e 16,4% do total das exportações brasileiras de 1971-73. Entre os demais participantes, sobressaem a Espanha, Japão, França, Belux e China (Taiwan) com aquisições individuais inferiores a 7%.

Do confronto entre a área de mercado do Brasil e a área do mercado mundial importador, pode-se constatar a total coincidência entre as mesmas. Os países que participam do mercado brasileiro são aqueles que se apresentam com maior potencial e perspectiva de expansão. De fato, os cinco maiores mercados importadores, responsáveis em 1971-73 por 67,5% das aquisições totais no mercado mundial, participaram com 75,9% de volume total das exportações brasileiras. Do mesmo modo, os dez países maiores importadores mundiais adquiriram 88,6% do total exportado, sendo que apenas 11,3% tiveram outro destino.

Do ponto de vista de regularidade no suprimento aos mercados importadores, a própria condição de mercado novo, por si só indica falta de tradicionalidade junto ao comércio mundial. No entanto, no período 1968-70 a 1971-73, nota-se que pelo menos nos dois triênios considerados, o Brasil exportou com maior regularidade à Itália e Países Baixos, o que concorreu

QUADRO 9. - Exportação Brasileira de Soja em Grão, Segundo as Principais Regiões, Áreas Econômicas e Países de Destino, 1968-70 a 1971-73

Região, área econômica e país de destino	1968-70 (média)		1971-73 (média)	
	(t)	(%)	(t)	(%)
Europa				
MCE				
Alemanha Ocidental	27.708	12,49	168.341	16,63
Belux	-	-	35.701	3,53
Dinamarca ⁽¹⁾	-	-	12.894	1,27
França	-	-	45.908	4,54
Irlanda ⁽¹⁾	-	-	-	-
Itália	87.880	39,61	165.741	16,37
Países Baixos	13.366	6,02	302.461	29,88
Reino Unido ⁽¹⁾	-	-	12.129	1,20
Subtotal	<u>128.954</u>	<u>58,12</u>	<u>743.175</u>	<u>73,42</u>
COMECON				
Alemanha Oriental	26.565	11,97	17.610	1,74
Bulgária	26.748	12,06	-	-
Hungria	132	0,06	8.260	0,82
Polónia	-	-	315	0,03
Tchecoslováquia	-	-	700	0,07
Rumênia	-	-	-	-
Subtotal	<u>53.445</u>	<u>24,09</u>	<u>26.885</u>	<u>2,66</u>
AELC				
Noruega	3.813	1,72	14.304	1,41
Portugal	1.761	0,79	1.667	0,17
Suíça	2.267	1,02	1.824	0,18
Dinamarca	2.635	1,19	-	-
Subtotal	<u>10.476</u>	<u>4,72</u>	<u>17.795</u>	<u>1,76</u>
Outros				
Espanha	<u>28.787</u>	<u>12,97</u>	<u>68.018</u>	<u>6,72</u>
Subtotal Europa	<u>221.662</u>	<u>99,90</u>	<u>855.873</u>	<u>84,56</u>
América do Sul				
Venezuela	-	-	12.114	1,20
Paraguai	213	0,10	275	0,03
Outros	-	-	162	0,01
Subtotal	<u>213</u>	<u>0,10</u>	<u>12.551</u>	<u>1,24</u>
Ásia				
China (Taiwan)	-	-	42.419	4,19
Coreia do Norte	-	-	21.165	2,09
Japão	-	-	63.966	6,32
Outros	-	-	528	0,05
Subtotal	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>128.078</u>	<u>12,65</u>
Oriente Médio				
Israel	-	-	15.775	1,55
Outros	-	-	2	0,00
Subtotal	<u>-</u>	<u>-</u>	<u>15.777</u>	<u>1,55</u>
Total	<u>221.875</u>	<u>100,00</u>	<u>1.012.279</u>	<u>100,00</u>

(1) Considerou-se Dinamarca, Irlanda e Reino Unido como integrantes do MCE em 1971-73.

Fonte: Elaborado a partir dos dados da CACEX (1).

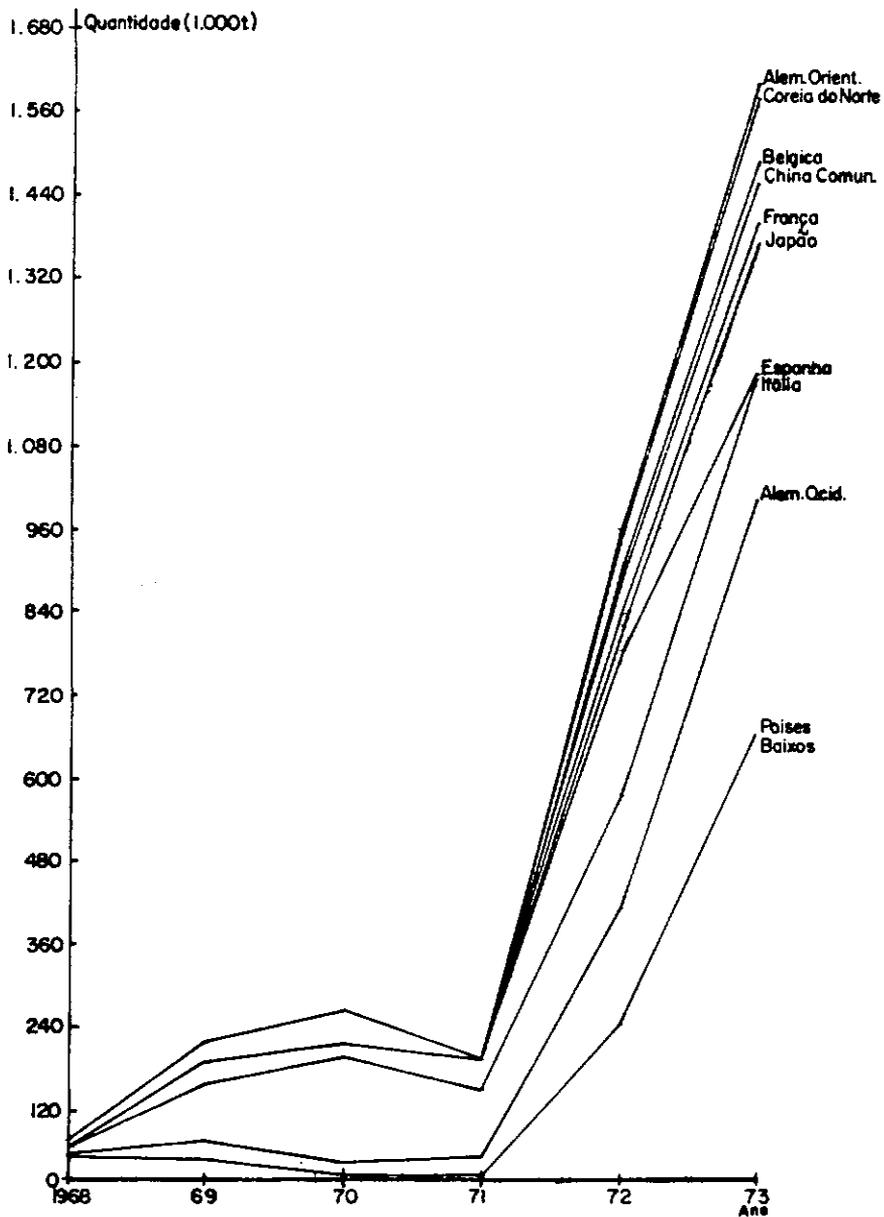


FIGURA 3.- Exportações Brasileiras de Soja em Grão, Principais Importadores, 1968-73.

para o aumento na participação do produto brasileiro junto as importações totais desses países, a níveis que atingem 19,4% e 22,2%, respectivamente.

Em contrapartida, no Japão e na China, onde a presença brasileira é muito recente, os resultados são ainda pouco expressivos, inferiores a 2% do total das importações desses mercados (quadro 10).

2.4 - Mercados Concorrentes

Com vistas a se ter uma idéia do aspecto concorrencial nos mercados importadores do produto brasileiro, procurou-se identificar os membros participantes desses mercados e o volume por eles importado. Para tanto, foram utilizadas as estatísticas internacionais de comércio de grão de soja para o período 1968-70, onde é assinalada para cada país, a origem dos fornecimentos (quadro 11).

Com base em tais informações ficou evidenciado que na área de atuação do Brasil, principalmente junto ao Mercado Comum Europeu, os Estados Unidos, registram contribuições maciças nos fornecimentos aos diversos mercados compradores. São contribuições que chegam a atingir, na maioria dos países, coeficientes superiores a 90%. A única exceção é o Reino Unido, onde os Estados Unidos dividem com o Canadá o mercado.

Nessas condições os demais exportadores pouco podem influir no mercado.

No entanto, ao se analisar dados mais recentes de outras fontes verifica-se que o rápido desenvolvimento das exportações brasileiras, após a década de 70, trouxe mudanças em diversos mercados europeus, especialmente na Itália e Países Baixos. Nestes, o aumento das exportações brasileiras em 1971-73 provocou um certo deslocamento na posição até então assumida pelos Estados Unidos. O Brasil, que a princípio participava do mercado italiano com 12,7% e do holandês com 1,5%, no último triênio considerado já havia conquistado 19,4% e 22,2% desses mercados.

QUADRO 10. - Participação do Brasil na Importação de Soja em Grão por Países Selecionado, 1968-70 e 1971-73

Importador (1)	1968-70 (média)			1971-73 (média)		
	Total	Brasil	Brasil/ total	Total	Brasil	Brasil/ total
	(10t)	(10t)	(%)	(10t)	(10t)	(%)
Japão	275.171	-	-	341.390	6.396	1,9
Alemanha Ocidental	163.938	2.771	1,7	238.986	16.834	7,0
Países Baixos	88.349	1.337	1,5	136.222	30.246	22,2
Espanha	105.993	2.879	2,7	119.133	6.801	5,7
Itália	69.166	8.788	12,7	85.465	16.574	19,4
República Popular da China	49.155	-	-	66.417	49	0,1
Reino Unido	30.943	-	-	54.149	1.212	2,2
França	18.288	-	-	48.185	4.590	9,5
Dinamarca	44.590	264	0,6	47.095	1.289	2,7
Israel	26.389	-	-	38.820	-	-
Belux	27.672	-	-	37.769	3.570	9,5
Hungria	799	13	1,6	1.713	826	48,2
Noruega	16.915	381	2,3	23.940	1.430	6,0
Outros	78.159	3.989	3,9	124.919	10.913	8,7
Total	997.904	22.188	2,2	1.364.203	101.279	7,4

(1) Foram selecionados os dez maiores importadores de soja em 1971-73, acrescentando em seguida os principais importadores do Brasil do mesmo produto em 1971-73 e em 1968-70 quando não incluídos na relação inicial.

Fonte: Elaborado com dados da FAO (3) e da CACEX (1).

QUADRO 11. - Fluxos do Comércio Internacional de Soja em Grão, Área do Mercado do Brasil, 1965-67 e 1968-70
(em porcentagem)

(continua)

Exportador	Importador-Área de comércio do Brasil ⁽¹⁾									
	M C E									
	Itália		Noruega		Alemanha Ocidental		Países Baixos		Outra Espanha	
	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70
Europa										
Países Baixos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Dinamarca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
França	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Belux	-	-	-	-	-	0,01	0,04	0,22	-	-
Noruega	0,07	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Reino Unido	0,14	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	0,21	-	-	-	-	0,01	0,04	0,22	-	-
Alemanha Ocidental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AELC										
Suécia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Suíça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Portugal	0,05	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	0,05	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COMECON										
Alemanha Oriental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Hungria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Iugoslávia	-	0,23	-	-	-	-	-	-	-	-
Polónia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ruménia	0,26	0,77	-	-	-	-	-	-	-	-
Tchecoslováquia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bulgária	0,10	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	0,39	1,00	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros										
Irlanda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Islândia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Austria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Grécia	-	0,07	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	-	0,07	-	-	-	-	-	-	-	-
URSS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total Europa	0,65	1,07	-	-	-	0,01	0,04	0,22	-	-

(1) Importadores que em 1971, receberam 1% ou mais das exportações brasileiras.

Fonte: Elaborado com dados das NAÇÕES UNIDAS (5).

QUADRO 11. - Fluxos do Comércio Internacional de Soja em Grão, Área do Mercado do Brasil, 1965-67 e 1968-70
(em porcentagem)

(continua)

Exportador	Importador - Área de comércio do Brasil (1)									
	M C E								Outra	
	Itália		Noruega		Alemanha Ocidental		Países Baixos		Espanha	
	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70
América do Norte e Central										
Estados Unidos	84,15	79,69	97,99	97,16	93,68	95,83	94,50	99,22	95,15	96,78
Canadá	0,12	-	-	0,68	0,20	0,17	-	-	-	-
México	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bermudas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,35
Subtotal	84,27	79,69	97,99	97,84	93,88	96,00	94,50	99,22	95,15	97,13
América do Sul										
Brasil	7,13	16,13	2,01	2,15	4,30	2,93	2,96	0,13	3,18	2,83
Argentina	-	-	-	-	0,02	-	0,20	-	-	0,04
Paraguai	-	-	-	-	0,09	0,03	-	-	-	-
Equador	0,06	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	7,19	16,13	2,01	2,15	4,41	2,96	3,22	0,13	3,18	2,87
Ásia										
China Continental	7,55	2,41	-	-	1,53	0,95	2,06	-	1,67	-
Indonésia	0,09	-	-	-	0,20	-	0,12	-	-	-
Filipinas	-	-	-	-	-	-	-	0,38	-	-
China Formosa	-	0,20	-	-	-	-	-	-	-	-
Japão	0,03	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Coreia (Sul)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	7,67	2,61	-	-	1,73	0,96	2,10	0,38	1,67	-
África										
Nigéria	0,13	0,28	-	-	-	0,05	-	-	-	-
Mocambique	-	0,21	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	0,13	0,49	-	-	-	0,05	-	-	-	-
Oceania										
Austrália	0,06	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Não Especificado	0,02	0,01	0,01	-	-	0,01	0,03	0,03	-	-
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Média (US\$1.000)	60.174	75.515	17.204	18.332	176.000	173.324	48.190	93.607	71.803	118.386

(1) Importadores que em 1971, receberam 1% ou mais das exportações brasileiras.

Fonte: Elaborado com dados das NAÇÕES UNIDAS (5).

QUADRO 11. - Fluxos do Comércio Internacional de Soja em Grão, Área do Mercado do Brasil, 1965-67 e 1968-70
(em porcentagem)

(continua)

Exportador	Importador - Outras áreas											
	Outros Importadores											
	Reino Unido		França		Japão		Canadá		Belux		Dinamarca	
	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70
Europa												
MCE												
Países Baixos	10,45	18,24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Dinamarca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
França	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Belux	0,45	0,82	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Noruega	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Reino Unido	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alemanha Ocidental	-	0,08	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	10,90	19,14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AELC												
Suécia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Suíça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Portugal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COMECON												
Alemanha Oriental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Hungria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Iugoslávia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Polônia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Romenia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tchecoslováquia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bulgária	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outros												
Irlanda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Islândia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Austria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Grécia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
URSS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total Europa	10,90	19,14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

QUADRO 11. - Fluxos do Comércio Internacional de Soja em Grão, Área do Mercado do Brasil, 1965-67 e 1968-70
(em porcentagem)

(conclusão)

Exportador	Importador - Outras áreas											
	Outros importadores											
	Reino Unido		França		Japão		Canadá		Belux		Dinamarca	
	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70	1965-67	1968-70
América do Norte e Central												
Estados Unidos	46,09	61,02	95,50	99,77	81,67	86,43	99,99	99,99	96,84	98,84	97,70	95,34
Canadá	32,79	15,32	-	-	0,11	0,01	-	-	-	0,15	-	-
México	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bermudas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	78,88	76,34	95,50	99,77	81,38	86,44	99,99	99,99	96,84	98,99	97,70	95,34
América do Sul												
Brasil	-	-	2,87	-	0,07	-	-	-	2,60	0,79	1,85	4,52
Argentina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Paraguai	-	-	-	-	-	-	-	-	0,09	-	-	0,11
Equador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	-	-	2,87	-	0,07	-	-	-	2,69	0,79	1,85	4,63
Ásia												
China Continental	5,81	2,09	1,40	-	18,46	13,51	-	-	0,36	-	0,38	-
Indonésia	-	-	-	-	0,07	-	-	-	-	0,07	-	-
Filipinas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
China Formosa	-	-	-	-	0,01	0,02	-	-	-	-	-	-
Japão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Coreia (Sul)	-	-	-	-	-	0,01	-	-	-	-	-	-
Subtotal	5,81	2,09	1,40	-	18,54	13,54	-	-	0,36	-	-	-
África												
Nigéria	4,40	2,40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Moçambique	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	4,40	2,40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Oceania												
Austrália	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subtotal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Não especificado	0,01	0,02	0,25	0,23	-	0,01	0,01	0,01	0,11	0,14	0,06	0,02
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Média (US\$1.000)	32.711	34.014	14.448	20.302	256.606	306.991	45.272	37.202	20.744	29.120	44.174	47.167

Fonte: Elaborado com dados das NAÇÕES UNIDAS (5).

3 - A ORGANIZAÇÃO DO MERCADO EXPORTADOR PAULISTA ⁽²⁾

3.1 - Canais de Comercialização

Identifica-se o fluxo de comercialização interna como compreendendo atividades desde a aquisição da matéria-prima junto ao produtor, até a colocação do produto final à disposição dos embarques para o exterior.

Como a produção paulista tem sido insuficiente para atender as necessidades de consumo interno, as empresas exportadoras tiveram que abastecer-se, em outros estados, em 39% do volume necessário para suas operações, sendo que o Estado do Paraná foi responsável por 31%.

A atuação de intermediários foi relativamente pequena na etapa de aquisição do produto. As empresas adquiriram diretamente dos produtores cerca de 82%, dos atacadistas 16% sendo o restante proveniente de cooperativas.

Na etapa seguinte, que consiste nas operações de venda para o exterior, surgem os agentes de importadores. Esta categoria de intermediário possui escritórios de vendas no País e representa compradores de grandes volumes do produto. Em 1973, tais agentes foram responsáveis pela aquisição de 84,9% das exportações realizadas pelas empresas exportadoras. Os restantes, 15,1% foram adquiridos por empresas intermediárias, que compram pequenos lotes reunindo-os em lotes maiores para revenda.

O processo de exportação é encerrado pela atuação de firmas especializadas em atividades auxiliares, tais como comissárias e despachantes que lidam com a parte burocrática e serviço de armazenamento e transporte no Porto de Santos.

O fluxo de distribuição da soja em grão é apresentado na figura 4. As etapas de produção e aquisição, assim como as características das empresas exportadoras paulistas, do produto exportado e das operações envolvidas no processo de exportação são tratadas adiante, em maior detalhe.

(²) A metodologia adotada no levantamento e análise dos dados desta pesquisa é apresentada no Anexo I. Quando não for feita referência em contrário, os dados aqui apresentados dizem respeito a amostra pesquisada das empresas exportadoras.

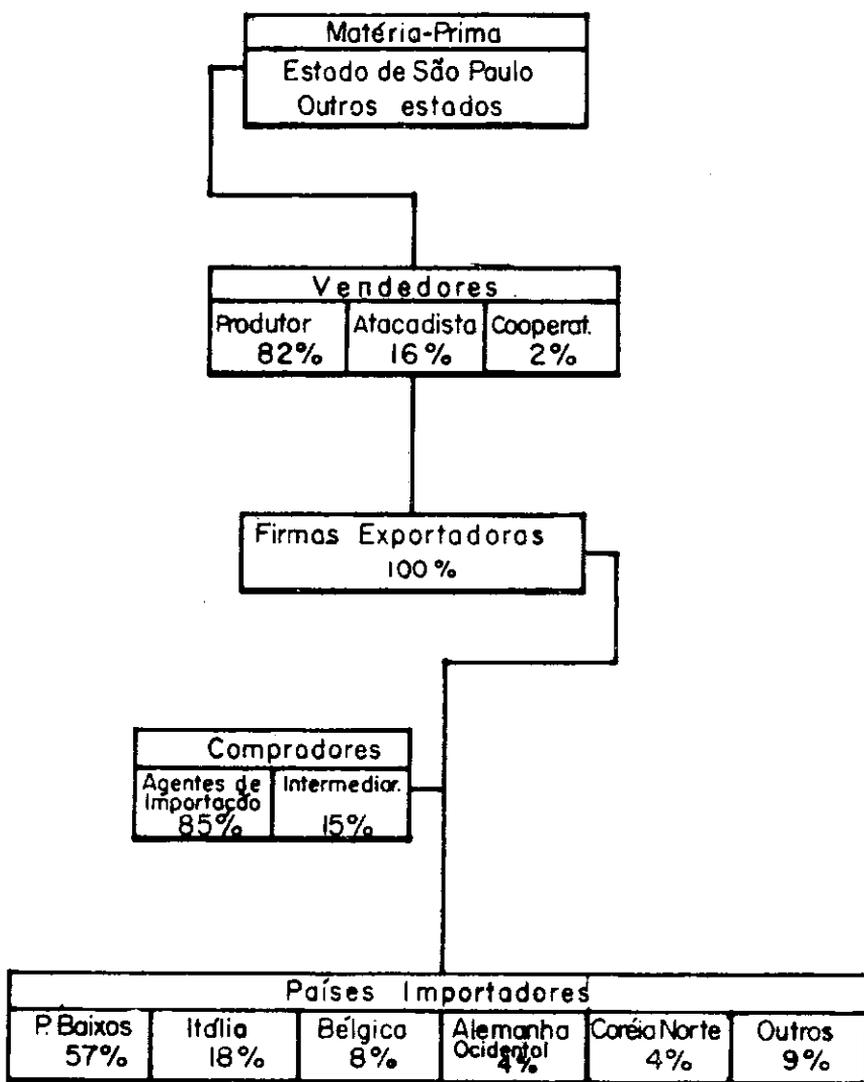


FIGURA 4.- Fluxo de Comercialização de Soja em Grão pelo Porto de Santos, Firms Exportadoras da Amostra, Estado de São Paulo, 1973.

3.2 - Produção e Aquisição da Matéria-Prima

Apesar do Estado de São Paulo ocupar o terceiro lugar como produtor nacional de soja, não chega a ser auto-suficiente para seu consumo. Comparando a produção paulista de soja e a demanda estadual, representada por exportação e consumo interno constata-se grande déficit (quadro 12). Em termos de soja em grão, este déficit chegou, em 1973, a aproximadamente 697 mil toneladas e, em 1974, a 527 mil toneladas. Explica-se o menor déficit em 1974 como decorrência do acentuado aumento da produção paulista e da grande queda nas exportações de soja em grão.

A produção paulista tem crescido continuamente em função do grande incremento havido na área cultivada, principalmente nas regiões de Ribeirão Preto e Marília. Em 1973/74, São Paulo obteve uma produção de 522 mil toneladas de soja (72,0% acima da safra 1970/71), na qual a região de Ribeirão Preto participou com 59,3% e Marília com 24,7%. No entanto, em termos de consumo, os acréscimos registrados na produção ainda são insuficientes para atender a demanda do grão.

Isto foi comprovado por ocasião da identificação das fontes de suprimento dos exportadores de soja em grão, quando constatou-se que estes adquirem somente 61% da matéria-prima no próprio Estado, sendo 32% provenientes do Estado do Paraná e o restante de outros estados (quadro 13). Nos estabelecimentos pertencentes ao estrato II nota-se maior dependência no abastecimento de outros estados.

Verificou-se, que o canal de comercialização da soja para exportação é bastante curto. Os estabelecimentos de exportação adquirem 83% do produto diretamente dos produtores, através de agentes próprios que compram nas zonas de produção (quadro 14). O restante é adquirido através de atacadistas (16%) e de cooperativas (1%). Cabe observar, que nos estabelecimentos do Estrato II (médios), a atuação das cooperativas é bem maior, uma vez que estas fornecem cerca de 17% do produto para exportação.

O período de aquisição da matéria-prima está diretamente relacionado à época de colheita do grão e à demanda do mercado externo. Os estabelecimentos de exportação realizam suas compras tão logo se inicia a colheita a fim de se assegurar do maior volume de compras aos menores preços, uma vez que a maior parte dos produtores procura desfazer-se do produto neste período, a fim de enfrentar os compromissos assumidos (quadro 15). Ademais

QUADRO 12. - Balanço da Produção e Consumo de Soja, Estado de São Paulo,
1973-74

Item	1973		1974	
	(t)	(%)	(t)	(%)
Produção	330.000	-	522.000	-
Consumo				
Exportação grão	228.019	22,3	94.743	9,0
Exportação farelo	155.866	15,2	178.551	17,0
Consumo interno farelo	<u>625.911</u>	<u>60,9</u>	<u>750.000</u>	<u>71,5</u>
Subtotal	1.027.019	100,0	1.049.294	100,0
Reserva p/semente	16.500	1,6	26.000	2,5
Balanço	- 697.016	-	- 527.294	-

(¹) Os dados de farelo foram transformados em grão equivalente (100t de grão = 75t de farelo).

(²) Os dados de exportação e produção se referem aos anos agrícolas de 1972/73 e 1973/74 (julho a junho).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e REVISTA MENSAL DE EXPORTAÇÃO (7).

QUADRO 13. - Fonte de Suprimento de Soja em Grão das Empresas de Exportação, Estado de São Paulo, 1973

Estrato	Exp _{or} tação (t)	Fonte de suprimento					
		Est. São Paulo		Estado Paraná		Outros	
		(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)
I	191.138	118.405	61,9	60.012	31,4	12.721	6,7
II	16.475	8.846	53,7	5.236	31,8	2.393	14,5
III	-	-	-	-	-	-	-
Total	207.613	127.251	61,3	65.248	31,4	15.114	7,3

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 14. - Intermediário na Compra de Soja em Grão Exportada pelo Porto de Santos, Dados da Amostra, 1973

Estrato	Exp _{or} tação (t)	Intermediário					
		Produtor		Atacadista		Cooperativa	
		(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)
I	191.138	159.835	83,6	31.303	16,4	-	-
II	16.475	11.291	68,5	2.392	14,5	2.791	16,9
III	-	-	-	-	-	-	-
Total	207.613	171.126	82,4	33.695	16,2	2.791	1,3

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 15. - Distribuição Mensal da Exportação de Soja em Grão pelo Porto de Santos e Preços Médios Pagos ao Produtor Paulista de Soja em Grão, 1972-73

Mês	1972			1973			Exportação 1972-73 (média)	
	Exportação		Preço	Exportação		Preço	Exportação (t)	Exportação (%)
	(t)	(%)	(Cr\$/60kg)	(t)	(%)	(Cr\$/60kg)		
Jan.	-	-	34,92	-	-	42,84	-	-
Fev.	-	-	33,02	-	-	58,54	-	-
Mar.	-	-	31,54	-	-	58,60	-	-
Abr.	13.668	10,0	33,60	23.299	8,4	53,90	18.484	8,9
Mai.	42.749	31,4	35,26	74.732	26,9	64,31	58.741	28,4
Jun.	56.373	41,4	35,69	111.929	40,3	84,46	84.151	40,6
Jul.	9.550	7,0	36,34	29.950	10,8	99,54	19.750	9,5
Ago.	12.457	9,1	37,06	29.426	10,6	96,82	20.941	10,1
Set.	300	0,2	38,52	3.000	1,1	93,67	1.650	0,8
Out.	-	-	40,61	5.450	1,9	73,10	2.725	1,3
Nov.	1.200	0,9	40,61	-	-	69,94	600	0,3
Dez.	-	-	40,00	-	-	70,94	-	-
Total	136.297	100,0	-	277.786	100,0	-	207.041	100,0

Fonte: INFORMAÇÕES ECONÔMICAS (4) e REVISTA MENSAL DE EXPORTAÇÃO (7).

a concentração das compras encontra-se também em função da atividade exportadora que, no período maio-agosto, atinge sua maior intensidade, época em que os importadores demonstram maior interesse em decorrência da entressafra dos EUA.

As exportações, usualmente se iniciam em abril, portanto um mês após o início da colheita, elevando-se sobremaneira nos dois meses seguintes, sendo que junho é o mês de pico, quando, em média, é exportado 41% do volume anual. De acordo com as declarações dos exportadores, a maior parte dos negócios é realizada entre os meses de maio e junho, apesar de firmarem contratos durante o ano todo.

3.3 - O Comércio Exportador

3.3.1 - Características das empresas exportadoras

A amostra selecionada para a pesquisa de comercialização externa de soja em grão constitui-se de oito estabelecimentos, que foram responsáveis, em 1973, por uma exportação de 207.613 toneladas, ou seja, o equivalente a 86,6% do volume embarcado por Santos (239.693 toneladas). Os estabelecimentos, do estrato I, que são 6, participaram com 79,7%; os do estrato II, que são 2, participaram com 6,9%. Para este produto não foram selecionados estabelecimentos no estrato III, que representariam as pequenas empresas, uma vez que um pequeno número de grandes empresas domina quase a totalidade do mercado exportador de soja em grão (quadro 16).

Quanto a atividade principal, constatou-se que 62,5% atuam na comercialização, como atividade dominante, e 37,5% atuam na industrialização. Verificou-se também, que os estabelecimentos exportadores possuem uma linha de produtos pouco diversificada, variando entre 2 a 3 produtos exportados por estabelecimento. A linha de produtos exportados por estes estabelecimentos, além da soja em grão, é constituída basicamente por amendoim em grão (2), milho (3), soja (3), farelo de amendoim (4) e óleo de amendoim (2).

Com referência a tradição no mercado exportador, estabeleceu-se como critério de tradicionalidade os estabelecimentos que iniciaram suas a-

QUADRO 16. - Aspectos da Amostra dos Estabelecimentos Exportadores da Soja em Grão pelo Porto de Santos, 1973

Estrato	Estabelecimento exportador (nº)	Exportação (t)	Atividade dominante		Linha de produtos		Tradição no mercado		Filiais no País (nº)	Organização jurídica	
			Comercialização (nº est)	Industrialização (nº est)	Produtos (nº)	Média por Estab. (nº)	Tradicional (nº est)	Não tradicional (nº est)		Sociedade anônima (nº est)	Sociedade limitada (nº est)
I	6	191.138	4	2	17	2,8	2	4	41	6	-
II	2	16.475	1	1	5	2,5	1	1	31	2	-
Total	8	207.613	5	3	22	2,7	3	5	72	8	-

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

tividades exportadoras em anos anteriores a década de 1960. Desta forma, no estrato I, 2 estabelecimentos foram considerados tradicionais e no estrato II, 1 estabelecimento, ou seja, 37,5% da amostra selecionada é formada por estabelecimentos tradicionais, e 62,5% por não tradicionais na atividade exportadora.

Para a comercialização de seus produtos, no País, os estabelecimentos do estrato I se utilizam em média de 7 filiais, enquanto os do estrato II apresentam uma concentração bem maior, que alcança a média de 15 filiais por estabelecimento.

Quanto a organização jurídica, constatou-se que a totalidade dos estabelecimentos selecionados é do tipo Sociedade Anônima. A preferência por essa forma de organização jurídica pode refletir que este seja o tipo mais conveniente para estabelecimentos desta atividade.

3.3.2 - Características do produto ⁽³⁾

Tendo em vista facilitar a comercialização e atender as exigências dos mercados importadores, o Conselho Nacional do Comércio Exterior (CONCEX) procurou estabelecer normas, de caráter nacional, para classificação de vários produtos agrícolas destinados à exportação, entre eles a soja.

O controle de aplicação das normas é efetuado pela CACEX através da aprovação de certificado de qualidade emitido por classificadores oficiais ou particulares, desde que cadastrados neste órgão. Os certificados se baseiam em análises de laboratório, das amostras do lote do produto a ser exportado.

De conformidade com as normas de classificação oficial da soja que são regidas pela Resolução nº 82 de 5 de junho de 1973, a qualidade deste produto será apurada mediante classificação de Grupo (graúda, média, miúda ou misturada), Classe (amarela, verde, marron, preta, mista) e Tipos (tolerâncias máximas admitidas quanto à umidade, grãos quebrados, grãos variados, matérias estranhas e/ou impurezas e grãos com rachaduras).

⁽³⁾ Este item foi elaborado com base em informações do Dr. Eric Bringold, Presidente da Supervise, e do Prof. Attiliano Martins Corrêa, da Bolsa de Cereais de São Paulo.

Na falta de estatísticas oficiais, obteve-se informações através de classificadores cadastrados na CACEX, de que toda a soja paulista comercializada para exportação é misturada na Companhia Brasileira de Armazéns Gerais (CIBRAZEM), em Santos, desde que esta se enquadre em qualquer dos tipos descritos na Resolução nº 82. Assim sendo, verificou-se que do resultado desta mistura provém uma soja para exportação que apresenta características de qualidade uniformes.

Das informações obtidas na CIBRAZEM, pode-se concluir que o tipo-padrão para exportação da soja tem sido:

- a) Grupo: misturada (100%)
- b) Classe: amarela (100%)
- c) Tipo: 3 (25%) e 4 (75%)

Cabe ressaltar que apesar da soja exportada estar enquadrada nos tipos 3 e 4 (que, entre outras características, admitem tolerância de 3% e 5% para matérias estranhas e/ou impurezas) os classificadores da CIBRAZEM, de conformidade com os interesses dos importadores somente admitem, para essa característica, tolerância de 1%.

Quanto as demais tolerâncias, obteve-se informações de que os importadores se interessam exclusivamente em que o teor de umidade não ultrapasse 14% e que o produto seja da classe amarela. Portanto, pode-se concluir que os tipos exportados satisfazem as exigências básicas dos importadores.

3.3.3 - Características das transações

Compradores: Foram identificados dois tipos de compradores de soja em grão que participam do mercado exportador paulista: agentes de importadores e outros intermediários.

Os primeiros pertencem a grupos internacionais com escritórios de representação em São Paulo e negociam o produto através de seus agentes, que determinam o prazo de entrega, o preço e a qualidade desejada. Na realidade, a negociação se faz por intermédio de um elemento que não assume a propriedade do produto e que procura atender a maioria das solicitações do comprador. Outra característica deste tipo de transação é a aquisição de grandes lotes, visando a usufruir vantagens de fretes. Os

agentes importadores adquiriram diretamente dos estabelecimentos da amostra, 84,9% das vendas destes (quadro 17).

Os "outros intermediários" são, por sua vez, predominantemente estabelecimentos de exportação no País, que juntam pequenos lotes e os oferecem diretamente a importadores no exterior ou aos agentes importadores mencionados. Estes estabelecimentos, que cobram 1% de comissão pelas vendas efetuadas comercializam 15,1% do volume total vendido para exportação.

Condições de venda: A modalidade preferida pelos exportadores paulistas para a comercialização da soja em grão tem sido a venda FOB, através da qual o exportador paga todas as despesas internas até o efetivo embarque da mercadoria, eximindo-se das despesas com reservas de praça e despesas marítimas, no caso do transportador não estar em condições de receber a carga no prazo estipulado, e outras que surgirem após o embarque.

Os exportadores paulistas consideram que a venda livre a bordo é mais vantajosa para volumes de venda reduzida, uma vez que a venda C&F ou CIF exigiria o afretamento de navios e elevaria sobremaneira o custo de comercialização. Ademais, os importadores, possuidores de toda uma organização no exterior especializada na compra e venda de diversos produtos, conseguem obter benefícios de custo de frete em razão da maior utilização da capacidade de carga dos navios.

Desse modo, nas circunstâncias atuais, a venda FOB é a que apresenta maiores vantagens, minimizando os riscos e os custos de venda do produto na comercialização deste ao exterior.

Informação de mercado: Os exportadores paulistas recorrem usualmente às praças de Chicago e Rotterdam para estabelecer os preços FOB de negociação. Quanto aos meios de comunicação utilizados para obtenção das informações de preço e de tendências do mercado, verificou-se que os principais são o telex e o telefone, dirigidos aos corretores das bolsas de mercado e aos agentes dos importadores.

3.3.4 - Transporte interno, armazenagem e embarque

De forma geral, verificou-se no escoamento da soja em grão para a comercialização externa, o predomínio da ferrovia. De fato, os estabelecimentos da amostra, em 1973, utilizaram esta modalidade de transporte na pro

porção de 73,3% do volume exportado pelo terminal de Santos. Entretanto, ao fazer a análise a nível de estrato, constatou-se que a ferrovia é mais utilizada pelos estabelecimentos do estrato I que comercializam em maior escala com o exterior, enquanto os estabelecimentos do estrato II, que comercializam em menor escala, utilizaram-se da rodovia na proporção de 59,4% (quadro 18).

Quanto a qualidade dos serviços prestados pela ferrovia, a opinião dos exportadores (quadro 19), dividiu-se em considerá-los entre regulares e ruins, enfatizando que a eficiência operacional deste sistema de transporte chega a comprometer a expansão das exportações.

Quanto as condições de armazenagem no porto, os exportadores dividiram suas opiniões entre "boas" (50%) e "ruins" (50%). Já com referência as condições de embarque nos navios as opiniões foram mais diversas, dividindo-se entre "boas", "regulares" e "ruins".

Portanto, o principal problema para os exportadores parece residir nas condições de escoamento que repercutem nas datas de entrega. O não cumprimento das datas de entrega pode levar ao cancelamento dos contratos.

3.4 - Comportamento da Exportação

O crescente aumento da produção paulista de soja em grão possibilitou o pleno abastecimento do mercado interno e o início da exportação do produto a partir de 1972. Nesse ano, o volume das exportações paulistas atingiu uma participação de 13,2% nas exportações brasileiras e, em 1973, alcançou 15,3%. Os estabelecimentos da amostra, em 1973, absorveram 76,0% das exportações paulistas.

A partir do quadro 20 e figura 5, que registram o destino das exportações paulistas e sua participação média em 1972 e 1973, pode-se chegar as seguintes considerações:

a) o volume de exportações, em 1973, apresentou um incremento percentual de 99,0% em relação a 1972;

b) a nível de áreas geo-econômicas importadoras, destaca-se a atuação do Mercado Comum Europeu que teve uma participação média de 88,9% nas exportações do período considerado;

c) os cinco principais mercados e sua participação média foram: Países Baixos (45,6%), Itália (17,5%), Bélgica (9,2%), Alemanha Ocidental

QUADRO 17. - Compras da Soja em Grão Exportada pelo Porto de Santos, Dados da Amostra, 1973

Estrato	Exportação (t)	Comprador			
		Agente do importador		Outro intermediário	
		(t)	(%)	(t)	(%)
I	191.138	162.243	84,9	28.895	15,1
II	16.475	14.082	85,5	2.392	14,5
Total	207.613	176.325	84,9	31.287	15,1

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 18. - Meios Utilizados no Transporte de Soja em Grão ao Terminal de Santos, Dados da Amostra, 1973

Estrato	Rodovia		Ferrovia		Volume total
	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)
	I	45.568	23,8	145.570	76,2
II	9.780	59,4	6.695	40,6	16.475
Total	55.348	26,7	152.265	73,3	207.613

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 19. - Avaliação das Condições de Transporte, Armazenagem e Embarque de Soja em Grão pelo Porto de Santos, Segundo a Opinião dos Estabelecimentos da Amostra, 1973

Item	Condição					
	Boa		Regular		Ruim	
	(nº)	(%)	(nº)	(%)	(nº)	(%)
Transporte	0	0,0	3	37,5	5	62,5
Armazenagem	4	50,0	0	0,0	4	50,0
Embarque	3	37,5	3	37,5	2	25,0
Média	-	29,2	-	25,0	-	45,8

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 20. - Exportação Paulista de Soja em Grão por Países de Destino, 1972-73

Região e Países de destino	1972		1973		Média 1972-73	
	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)
Europa						
MCE						
Alemanha Ocidental	15.139	11,03	15.140	5,54	15.344	7,38
Bélgica	6.290	4,58	31.609	11,58	18.950	9,24
Dinamarca	-	-	6.000	2,20	3.000	1,46
França	13.801	10,06	7.425	2,72	10.613	5,17
Inglaterra	-	-	10.400	3,81	5.200	2,51
Itália	32.583	23,75	39.202	14,36	35.893	17,50
Países Baixos	37.511	27,34	149.589	54,78	93.550	45,60
Subtotal	105.324	76,76	259.365	94,99	182.344	88,89
AELC						
Portugal	49	0,04	-	-	24	0,01
Suíça	1.150	0,84	-	-	575	0,28
Subtotal	1.199	0,88	-	-	599	0,29
Ásia						
China	-	-	900	0,33	450	0,22
Coreia do Norte	-	-	9.000	3,29	4.500	2,19
Japão	-	-	3.200	1,17	1.600	0,78
Singapura	100	0,07	595	0,22	348	0,17
Subtotal	100	0,07	13.695	5,01	6.898	3,36
Outros (Europa)						
Alemanha Oriental	14.586	10,63	-	-	7.293	3,56
Espanha	16.000	11,66	-	-	8.000	3,90
Subtotal	30.586	22,29	-	-	15.293	7,46
Total	137.209	100,00	273.060	100,00	205.135	100,00

Fonte: REVISTA MENSAL DE EXPORTAÇÃO (7).

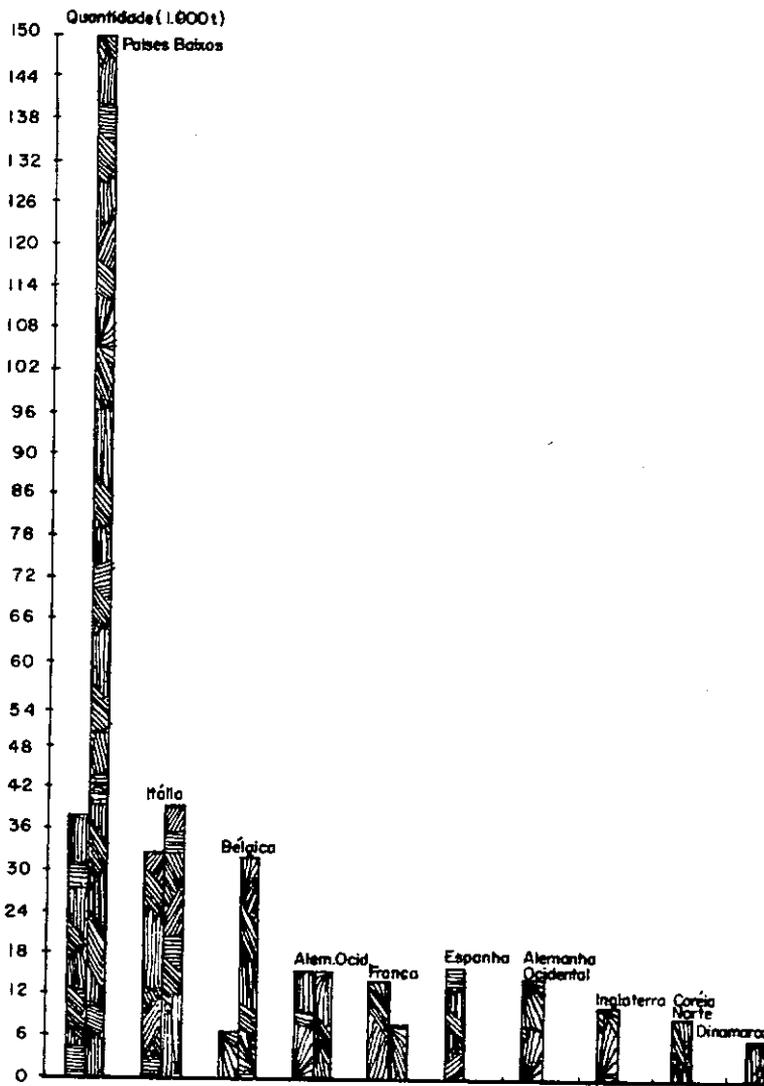


FIGURA 5.- Destino das Exportações de Soja em Grão, Porto de Santos, 1972 e 1973.

(7,4%) e França (5,2%) que totalizaram, em média, 84,9% das exportações paulistas; e

d) entre 1972 e 1973, o número de países importadores se manteve praticamente o mesmo, mas mudou a composição dos países participantes. Apenas 6 países se mantiveram como compradores habituais nos dois anos: Alemanha Ocidental, Bélgica, França, Itália, Países Baixos e Singapura. Cabe observar que Alemanha Ocidental e Espanha, países que tiveram significativa importância nas importações de 1972, com participação de, respectivamente, 10,6% e 11,7% deixaram de importar em 1973. Entretanto, em 1973, surgem 5 novos países compradores, cuja participação nas exportações foi: Inglaterra (3,8%), Coreia do Norte (3,3%), Dinamarca (2,2%), Japão (1,2%) e China (0,3%). Mas, devido ao pequeno período em exame, não se pode tirar conclusões quanto às tendências definitivas dos mercados paulistas.

Ao se comparar mercados dos estabelecimentos da amostra (quadro 21) com os do Estado de São Paulo (quadro 20), constata-se uma certa semelhança entre os dois grupos, fato este que comprova a significância da amostra. Os principais mercados paulistas, em 1973, foram: Países Baixos (54,8%), Itália (14,4%), Bélgica (11,6%), Alemanha Ocidental (5,5%) e Coreia do Norte (3,3%), totalizando 89,6%; estes mesmos mercados, na amostra, responderam por 91,0%, com a seguinte distribuição: Países Baixos (57,1%), Itália (18,2%), Bélgica (7,5%), Alemanha Ocidental (4,4%) e Coreia do Norte (3,8%). Os estabelecimentos do estrato I tiveram maior diversificação em suas vendas, que foram distribuídas entre 9 importadores, enquanto os estabelecimentos menores do estrato II concentraram suas vendas em somente 2 países.

Os valores total e unitário das exportações paulistas, em 1973, por país de destino, são apresentados no quadro 22. Os dados ali reproduzidos originam-se de fonte diversa dos quadros anteriores, não servindo de base para comparações. Assim sendo, a partir deste quadro pode-se depreender o seguinte:

a) o valor unitário médio das exportações paulistas foi de US\$196/t;

b) do valor total das importações de soja em grão, os Países Baixos detinham 48,8% e, a seguir, vinham Belux (14,6%), Itália (11,1%), Alemanha Ocidental (9,7%), Reino Unido (4,8%) e Coreia do Norte (3,9%). Os três primeiros países responderam por 74,5% do valor das exportações paulistas de soja e por 77,3% de seu volume; e

QUADRO 21. - Exportações de Soja em Grão por País de Destino, Estabelecimentos da Amostra, 1973

Estra to	Países Baixos		Itália		Bélgica		Alemanha Occidental		Coreia do Norte		França		Dinamarca		Outros		Total
	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)	(%)	(t)
I	106.995	56,0	37.703	19,7	15.550	8,1	9.140	4,8	8.000	4,2	2.450	1,3	6.000	3,1	5.300	2,8	191.138
II	11.500	69,8	-	-	-	-	-	-	-	-	4.975	30,2	-	-	-	-	16.475
Total	118.495	57,1	37.703	18,2	15.550	7,5	9.140	4,4	8.000	3,8	7.425	3,6	6.000	2,9	5.300	2,5	207.613

-42-

Fonte: REVISTA MENSAL DE EXPORTAÇÃO (7).

QUADRO 22. - Valor da Exportação Paulista de Soja em Grão, por País de Destino, 1973

Destino	Peso (t)	Valor total (US\$FOB)	Valor unitário (US\$/t)
Mercado Comum Europeu			
Alemanha Ocidental	17.203	4.571	266
Belux	34.378	6.855	199
França	5.350	942	176
Itália	37.520	5.199	138
Países Baixos	113.640	22.939	202
Reino Unido	10.400	2.247	216
Dinamarca	6.000	1.344	224
Subtotal	224.491	44.097	196
Ásia			
China (Taiwan)	655	138	211
Coréia do Norte	9.494	1.840	194
Japão	5.053	962	190
Subtotal	15.202	2.940	193
Total	239.693	47.037	196

Fonte: COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL (1).

c) coube à Alemanha Ocidental o maior valor unitário registrado, que foi US\$266/t, para uma participação de 9,7% no valor das exportações e o menor coube à Itália com US\$138/t, para uma participação de 11,1%.

Perspectiva e Potencial: Indubitavelmente, a soja é hoje o grão oleaginoso mais negociado internacionalmente devido ao aumento inusitado da demanda pelo farelo protéico para alimentação de que os países desenvolvidos da Europa são carentes. Esta carência reflete-se no impulso dado ao comércio internacional do produto com expansão a ritmos nunca inferiores a 16,4% ao ano.

Nesta conjuntura altamente animadora, o Brasil foi a figura de destaque, conseguindo imprimir um ritmo de expansão altamente expressivo nas suas exportações (57,4% a.a.), muito superior ao das exportações mundiais. Deve-se lembrar que esses ganhos do Brasil se deram a custo do deslocamento de diversos fornecedores e, em especial, da República Popular da China, que se viu obrigada a ceder a segunda posição que vinha ocupando já há alguns anos. Por outro lado, é interessante notar que, em termos de mercado, o aumento dessas vendas se deu em favor dos grandes importadores mundiais da Europa, mercado que a cada ano amplia significativamente suas aquisições do produto, levando a supor que, caso as tendências atuais persistam, o Brasil poderá se firmar como grande fornecedor do produto no mercado internacional.

Esses resultados altamente positivos, no entanto, não esgotam o interesse em se persistir no esforço de elevar o ritmo das exportações brasileiras. Embora tão somente em caráter indicativo, foram selecionados alguns mercados cujas possibilidades são aparentemente maiores, não só pelo fato de desempenharem importante papel como compradores, como também por já se abastecerem no Brasil de forma permanente ou mesmo eventual.

Considerando quatro situações distintas, foram selecionados os seguintes mercados:

- 1) Mercados importadores cujas compras no Brasil são pequenas ou inexistentes, ainda que figurem entre os dez maiores importadores mundiais: Reino Unido, França, Dinamarca e Israel;
- 2) mercados importadores cujas compras no Brasil apresentam fortes oscilações: Alemanha Ocidental;
- 3) mercados que se abastecem em países que, por sua vez, são grandes importadores do Brasil ou de outros países: Reino Unido e Japão; e

- 4) mercados que importam regularmente ao Brasil: Alemanha Ocidental, Itália, Países Baixos e Espanha.

Evidentemente, essas possibilidades de mercado não excluem a necessidade de outras medidas visando a geração de condições ideais para se provocar um aumento das exportações brasileiras. A pesquisa junto aos exportadores paulistas indicou problemas sérios em São Paulo nas condições de escoamento, fato que merece uma atenção especial, uma vez que repercute diretamente no grau de pontualidade das entregas ou mesmo da manutenção dos contratos. A impontualidade tem levado por vezes ao cancelamento de contratos. No caso, o principal responsável pelas deficiências no escoamento do produto seria a ferrovia, sistema que transporta a maior parcela da carga destinada ao porto.

Quanto aos mercados de venda, as exportações paulistas ainda que participem com apenas 12,9%, encontram junto ao Mercado Comum Europeu, a maior área de colocação de seu produto. São mercados que têm participado, em média, com 88,9% das vendas totais de São Paulo. Similarmente ao Brasil, o grande destaque como importador são os Países Baixos, mercado que assegura em média a colocação de 45,6% do total importado por São Paulo; seguem, em ordem de prioridade, Itália, Bélgica, Alemanha Ocidental e França, todos membros do MCE.

Com respeito ao potencial para as exportações paulistas (quadro 20), verifica-se grande correspondência com a situação brasileira ao nível da área econômica, ainda que com algumas diferenças ao nível de mercado. Ainda assim as possibilidades de êxito maiores para São Paulo seriam semelhantes as do país como um todo, uma vez que estariam centralizadas na área do Mercado Comum Europeu, em especial junto aos Países Baixos e Alemanha Ocidental. Esses países participaram, em 1971-73, com 9,9% e 17,5% das importações mundiais, adquirindo no Brasil, 29,8% e 16,6% de suas importações.

Quanto ao aspecto comercial, já que o Brasil aparece isolado como o segundo produtor e exportador, a tendência generalizada em quase todos os mercados é de uma concorrência acirrada com os Estados Unidos, o maior fornecedor mundial do produto.

No quadro 23, são apresentadas algumas das características dos mercados que apresentam elevado potencial e boas possibilidades para o Brasil e para São Paulo.

QUADRO 23. - Algumas Características Consideradas na Definição de Mercados Potenciais para as Exportações Paulistas de Soja em Grão, Países Selecionados (em porcentagem)

Característica	Reino Unido	França	Dinamarca	Israel	Alemanha Ocidental	Japão	Itália	Países Baixos	Espanha
Participação no mercado mundial importador (1971-73)	3,97	3,5	3,4	2,8	17,5	25,0	6,2	9,9	8,7
Taxa de crescimento anual das importações (1968-70 a 1971-73)	20,5	38,1	1,8	13,7	13,3	7,4	7,3	15,5	3,9
Participação na exportação paulista (1972-73)	2,5	5,1	1,4	-	7,3	-	17,5	45,6	3,9
Participação do Brasil na importação total (1971-73)	2,2	9,5	2,7	-	7,0	1,9	19,4	22,2	5,7
Participação de mercados concorrentes (1968-70)									
Estados Unidos	61,0	99,7	95,3	-	96,0	86,4	79,6	99,2	97,1
Países Baixos	19,2	-	-	-	-	-	-	-	-
Canadá	15,3	-	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: FAO (3), REVISTA MENSAL DE EXPORTAÇÃO (7), NAÇÕES UNIDAS (5).

LITERATURA CITADA

1. COMÉRCIO EXTERIOR do BRASIL. Rio de Janeiro, Ministério da Fazenda, Secretaria da Receita Federal, Centro de Informação Econômico-Fiscal/Banco do Brasil, CACEX, 1960-73.
2. CONSELHO NACIONAL DE COMÉRCIO EXTERIOR/BANCO DO BRASIL. Normas de classificação oficial. Rio de Janeiro, s.d.
3. FOOD and AGRICULTURE ORGANIZATION. Trade Yearbook. Roma, 1960-73.
4. INFORMAÇÕES ECONÔMICAS. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Instituto de Economia Agrícola, 1973-75.
5. NAÇÕES UNIDAS. World Trade Annual. Rome, 1965-70.
6. PREVISÃO e ESTIMATIVA de SAFRAS do ESTADO de SÃO PAULO: 5º Levantamento dos anos agrícolas 1971/72, 72/73 e 73/74. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Instituto de Economia Agrícola.
7. REVISTA MENSAL de EXPORTAÇÃO. Santos, SP, 1971-73.

ANEXO I

PESQUISA SOBRE A ORGANIZAÇÃO DE MERCADO EXPORTADOR PAULISTA

OBJETIVOS DO ESTUDO

Entre os objetivos específicos desta parte da pesquisa de mercados potenciais, destacam-se aqueles relacionados à caracterização do processo de comercialização, às vantagens comparativas de comércio entre os exportadores de São Paulo e mercados concorrentes e aos problemas de infra-estrutura que têm dificultado a expansão do comércio.

Assim, alicerçados na experiência do exportador paulista, no tocante aos aspectos relacionados ao produto exportado, ao mercado, às práticas utilizadas bem como à eficiência dos serviços econômicos envolvidos na venda do produto no mercado externo, procurou-se examinar os seguintes aspectos em relação aos produtos selecionados:

a) aceitação do produto no exterior tendo por base suas características intrínsecas e forma de apresentação;

b) forma de atuação do setor exportador paulista, com base nos tipos de organizações que operam no mercado, tendo em conta a atividade principal desses estabelecimentos, suas linhas de produtos, tradição e localização geográfica das filiais;

c) exame dos canais de distribuição de modo a se obter uma visão integrada da comercialização que ofereça subsídio a eventuais estudos de custos e de análise da eficiência da distribuição desses produtos ao mercado externo;

d) importância dos indivíduos ou organizações comerciais que operam no mercado exportador paulista através das práticas comuns de negociações; e

e) problemas que têm dificultado a expansão das vendas ao exterior, considerando as exigências do mercado no que tange a serviços envolvidos no fluxo da indústria ao porto.

METODOLOGIA

O levantamento das informações referentes ao mercado exportador paulista processou-se através de entrevistas diretas junto aos dirigentes das empresas exportadoras, mediante o preenchimento de um questionário geral sobre exportação, relacionado aos aspectos de mercado, de concorrência, práticas de comercialização, serviços, etc.

Com respeito a escolha de produtos de interesse ao estudo de mercados potenciais, foram selecionados, entre aqueles previamente definidos pelo Projeto IEA/3, os seguintes: milho em grão, soja (grão, farelo e óleo), amendoim (grão, farelo e óleo) e suco de laranja. Tal escolha baseou-se num critério de regularidade e volume de exportação e em parte na similaridade no uso destes produtos.

De posse da definição da área e dos produtos, partiu-se para a seleção da amostra, com base na população de estabelecimentos exportadores registrados no porto de Santos em 1973.

A partir de uma relação de oito estabelecimentos selecionados para o estudo da soja em grão, foi feita a divisão em grupos conforme o volume anual de embarque, de forma que, no conjunto, os estabelecimentos da amostra para este produto representassem 76% das exportações registradas no terminal de Santos que por sua vez participou com 15% das exportações nacionais.

Os estabelecimentos relacionados, em 1973, pela Revista Mensal de Exportação do Porto de Santos, foram agrupados em apenas dois estratos, com base no volume exportado, assumindo que estabelecimentos que exportam em nível de escala semelhante apresentam sistemas de comercialização e problemas comuns. No estrato I, composto de estabelecimentos grandes, foram selecionados 6 estabelecimentos que exportaram conjuntamente 191.138 toneladas;

no estrato II, composto de estabelecimentos médios, foram selecionados dois estabelecimentos que exportaram 16.475 toneladas.

CRITÉRIOS ADOTADOS

Definida a amostra, procedeu-se ao levantamento das informações através de entrevistas diretas, preferencialmente junto aos dirigentes dos estabelecimentos exportadores. O levantamento iniciou-se em maio de 1974 e estendeu-se até outubro do mesmo ano, tendo sido consideradas como base para análise as situações verificadas no ano de 1973. Foram consideradas as seguintes características das firmas e do sistema de comercialização:

a) estabelecimentos exportadores - Foram considerados como estabelecimentos exportadores as empresas relacionadas pela Revista Mensal de Exportação do Porto de Santos em 1973. Foi definido como grande estabelecimento exportador, aquele cuja média de vendas ao exterior, no ano, superou as 10.000 toneladas; estabelecimentos considerados médios responderam por um volume que variou de 5.000 toneladas a 10.000 toneladas e os pequenos, por um volume inferior a 5.000 toneladas. Ainda que um grande número de estabelecimentos tenha comercializado mais de um produto no mercado externo, foram os mesmos classificados e pesquisados separadamente, em função de sua importância como exportador de cada produto;

b) constituição jurídica - Discriminaram-se os estabelecimentos segundo as diversas categorias a que pertencem, ou seja, individuais quando pertencentes a uma só pessoa e não individuais quando incluem as sociedades de nome coletivo, em comandita simples e de capital, sociedade de responsabilidade limitada e sociedade anônima. Esta discriminação foi baseada nos termos definidos na última assembleia geral e registrados na Junta Comercial de São Paulo;

c) tradição - O método de classificação dos estabelecimentos exportadores em tradicionais e não tradicionais foi arbitrário, tomando-se como base a década de 60, quando ganhou maior importância a conquista dos mercados externos, devido as mudanças na ordem política e econômica no País. Consideraram-se tradicionais, os estabelecimentos que se estabeleceram e exportavam anteriormente a 1960 e não tradicionais, aqueles que só começa-

ram nos anos posteriores;

d) características do produto - A definição do tipo de produto vendido ao mercado externo baseou-se no conjunto de especificações constantes em resoluções emitidas pelo Conselho Nacional de Comércio Exterior (CONCEX). Tratando-se dos tipos de produtos mais solicitados, tais especificações corresponderam às informações fornecidas pelos exportadores e por classificadores oficiais cadastrados na Carteira do Comércio Exterior do Banco do Brasil (CACEX), baseando-se na suposição de que estes são os elementos que possuem melhores condições de avaliação;

e) venda e compra - Basicamente, foi considerada como atividade de venda, a comercialização do produto pelas empresas exportadoras ao mercado importador e como atividade de compra, a aquisição do produto ao produtor, corretor e outros intermediários;

f) estabelecimentos de comercialização - no caso dos grãos, foram considerados estabelecimentos de comercialização aqueles que se ocupam com a venda ou colocação do produto no mercado externo, ou seja, as indústrias e os estabelecimentos comerciais; e

g) canais de comercialização - canais de comercialização ou de distribuição foram definidos com base na sequência de operações que se verificam desde a produção da matéria-prima até o mercado exportador.

SECRETARIA DA AGRICULTURA
INSTITUTO DE ECONOMIA AGRICÓLA

Comissão Editorial:

Coordenador: P. D. Criscuolo

Membros: A. A. B. Junqueira

I. F. Pereira

P. F. Bemelmans

F. C. de Carvalho

E. U. Gatti

Centro Estadual da Agricultura

Av. Miguel Estefano, 3980

04301 - São Paulo, SP

Caixa Postal, 8114

01000-São Paulo, SP

Telefone: 275-3433 R.261

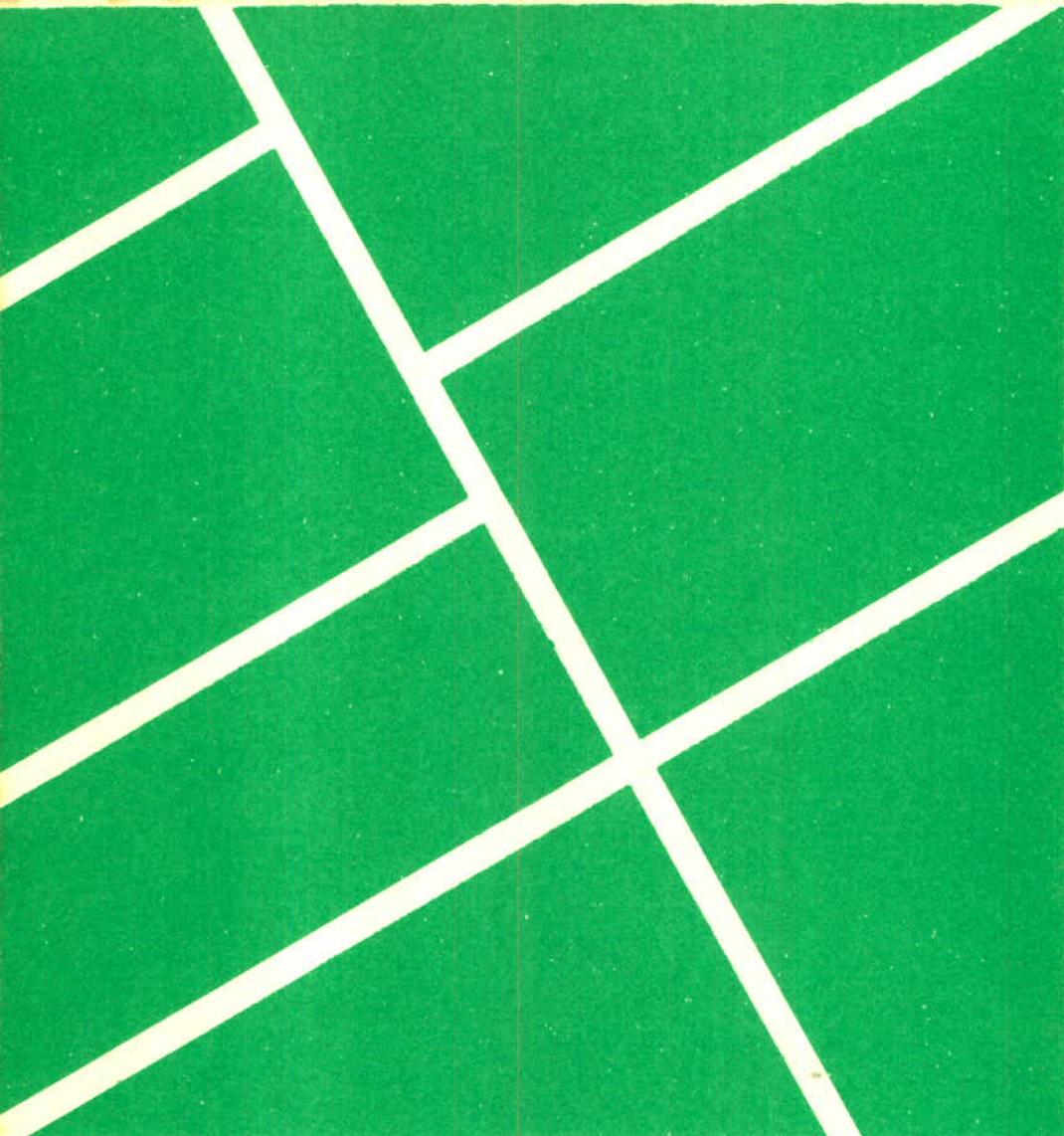


Impresso no Setor Gráfico

SEÇÃO DE COMUNICAÇÃO TÉCNICO CIENTÍFICA

I E A

1 9 7 8



02/78

